

Programação do Mês da Imagem, na EAV. Palestra feita em 24/02/98, no auditório da escola.

O fotógrafo sabe que se ele apontar sua câmera para um motivo qualquer e disparar o botão do obturador, o aparelho vai lhe dar uma imagem normalmente interpretada como uma réplica bidimensional do motivo que posou para a câmera, aquele motivo tridimensional que estava diante da câmera. Mas, em geral, o fotógrafo não conhece todas as equações utilizadas para o desenho das objetivas; em geral o fotógrafo não conhece as reações químicas que ocorrem na emulsão fotográfica no momento do registro e no momento posterior da revelação, ou no momento da ampliação.

O próprio aparelho mede, sabe onde está a distância do motivo, já abre o diafragma de acordo com a luz, já coloca o foco da imagem de acordo com a distância do motivo. Em alguns casos existem máquinas fotográficas, ou câmeras eletrônicas, que são capazes de fotografar sem ninguém, sem que ninguém esteja atrás da própria câmera. Há um programa que controla o funcionamento da câmera, um programa que vai permanentemente avaliando o que está acontecendo diante da câmera e quando algo diferente acontece, algo que não corresponde aos padrões que tem na sua memória, a câmera é acionada para fotografar. Isso é usado muito em vigilância.

O computador é uma máquina mais genérica, que na verdade não vem programada da fábrica para cumprir determinadas funções.

O artista deve então penetrar obrigatoriamente no interior dessa caixa preta para interferir no seu funcionamento interno? O artista tem que ser capaz de fazer esta interferência dentro da caixa preta ou ele deve se colocar fora da caixa preta? Isso tanto no sentido positivo quanto no sentido negativo. ^① No sentido positivo, uma interferência no interior da caixa preta para fazer com que ela se torne capaz de produzir as imagens que o artista quer, aquelas imagens que ele tem na cabeça e que, para obtê-las, precisa, de alguma forma, reconstruir a máquina para que a máquina se torne capaz de reproduzir exatamente as imagens que ele tem na cabeça. ^② Ou no sentido negativo, que seria desvelar as determinações que essas máquinas impõem, Então, uma outra forma de penetrar nesta caixa preta é desvelar, revelar certos modelos pré-fabricados que já estão embutidos dentro da própria caixa preta.

^③ Uma terceira opção seria alguém que não tem por meta entrar dentro dessa caixa preta, alguém que está dentro de uma outra esfera de especialidade,

portanto fora da especialidade da engenharia, da programação, ou da própria ciência.

Bom, qual é a idéia principal, quais são as idéias principais do Flusser ? Nesta obra "A Filosofia da caixa preta", ele dirige as suas reflexões na, na direção das chamadas imagens técnicas.

I.T.

Bom, e qual é a característica mais importante das imagens técnicas, a característica básica, aquela que marca a imagem técnica e que faz com que ela seja diferente das outras imagens conhecidas até então e que nós podemos chamar eventualmente de imagens artesanais? A característica mais importante consiste no fato dessas imagens materializarem determinados conceitos a respeito do mundo, que são justamente os conceitos que nortearam a construção desses aparelhos. É materializar na imagem determinados conceitos científicos.

Flusser cita o caso das fotografias em preto e branco como sendo a melhor demonstração de como essas imagens interpretam o visível em termos de tons de cinza e demonstram muito bem como certas teorias da óptica, certas teorias da fotoquímica estão por trás, ou estão na origem dessas imagens.

Na verdade o que faz a fotografia não é tomar algo que está no real, a fotografia cria seu próprio real a partir das possibilidades que já estão na emulsão, programadas na emulsão.

Isso talvez seja complexo ou difícil de entender na fotografia porque a fotografia está enterrada dentro de uma ideologia do mimetismo. É muito difícil a gente entender essas coisas na fotografia mas é muito fácil de entender no computador, porque o computador torna isso muito claro, nesse sentido foi preciso esperar o surgimento do computador para que as imagens técnicas se revelassem abertamente como o resultado de um processo de codificação icônica ou imagética de determinados conceitos científicos. No computador tudo é materialização de conceitos científicos, não? Por exemplo, se eu estou produzindo imagens no computador, a câmera que eu tenho no computador, a câmera entre aspas, é a câmera com a qual eu descrevo trajetórias complexas, a câmera com a qual eu faço travelings. Ela não é uma câmera real, é um conjunto de procedimentos matemáticos. Não existe câmera no computador, o que existe é uma descrição matemática de um avanço ou recuo possível. As objetivas que eu uso no computador, para construir minha imagem, teleobjetiva, grande angular, também são equações matemáticas.

Isso quer dizer então que as imagens técnicas, ou seja, qualquer tipo de representação icônica mediada por aparelhos não correspondem a qualquer duplicação automática do mundo. Nós precisamos perder essa ingenuidade com relação às imagens técnicas porque entre as imagens e o mundo se interpõem tradutores abstratos, se interpõem os conceitos.

Ex. do
pt-branco

Ex. do
comput.
&
a câmera
do comp.

concl.
import!

Como não é possível penetrar no interior da caixa preta, o que eu posso é selecionar dentro das possibilidades que o sistema me dá.

Nós sabemos que máquinas são criações do homem, são criações da inteligência do homem, são materializações de pensamento. Mas o que caracteriza as máquinas e os programas é que elas se baseiam no poder de repetição e o que a máquina repete o tempo todo são os conceitos da formalização científica.

Isto também se aplica a qualquer outra máquina semiótica, até à máquina fotográfica.

Ex. de ms. de lavar

Se é natural, desejável que uma máquina de lavar roupa faça sempre, repita sempre a mesma operação técnica que é de lavar roupa, eu não gostaria que a minha máquina de lavar roupa começasse a fazer outras coisas que não estão previstas, eu quero que a minha máquina de lavar roupa nunca deixe de fazer aquilo para que ela está programada. [Se isso é natural para uma máquina de lavar roupa, não é o que se espera de aparelhos destinados a intervir no imaginário, aparelhos ou máquinas semióticas que são destinados à sensibilidade do homem.]

Nós estamos lidando com outra espécie de máquina, a máquina semiótica não é da mesma natureza da máquina de lavar roupa, então esta estereotipia das máquinas e dos processos técnicos é hoje um dos principais desafios a serem vencidos na área da informática, principalmente.

Trab. de inform.

Em geral, vemos trabalhos que não são senão demonstrativos do poderio dos programas. Eu diria que grande parte dos trabalhos em computação gráfica são trabalhos demonstration, que demonstram como é bom o programa, quanta coisa interessante aquele programa pode fazer, são demonstrativos do potencial do próprio programa. É difícil perceber, em trabalhos produzidos com mediação técnica, se o resultado deriva da criatividade de um artista ou se é simplesmente uma demonstração de quão poderosa é a máquina.